

## “A carta roubada: Sobre uma realidade psíquica presente no aborto”<sup>1</sup>

Sandra Trombetta<sup>2</sup>

*“...certos sofrimentos que se procura extirpar mostram-se inseparáveis do ego, por causa de sua origem interna.”<sup>3</sup>*

Este trabalho pretende prestar uma contribuição à compreensão dos aspectos psicológicos subjacentes ao aborto. Pauta-se em fragmentos clínicos e na reflexão psicanalítica sobre estes. Não será discutida a pertinência da legalização do aborto ou o seu valor para a mulher. O foco estará num aspecto psicológico presente em qualquer aborto, espontâneo ou induzido, o qual parece vir sendo sistematicamente desprezado nas discussões sobre o tema.

Nas últimas décadas, muito se tem discutido a respeito da voluntária interrupção da gravidez pela mulher. Correntes opostas costumam cerrar fileiras contra ou a favor, evocando questões religiosas ou éticas, direitos e deveres. No mais das vezes, as posições são apaixonadas e advogam em prol da vida e da liberdade a partir de referenciais diversos. Apesar da relevância dessa discussão, aqui não desejo explorar os meandros das posições que se conflitam, mas prestar uma contribuição psicanalítica ao debate. Proponho um viés que, ao longo dos meus muitos anos no exercício da clínica, destacou-se nas descrições de alguns pacientes que, a partir de ângulos diversos, se defrontaram com a situação do aborto.

Introduzo a questão através de dois fragmentos clínicos. De modo intencional, não contextualizo a situação transferencial, o ‘por que’ ou o ‘para que’ estas situações foram trazidas às sessões, centrando-me nas subjetivas descrições da experiência do aborto que me foram apresentadas:

Caso 1: Tempos atrás, ouvindo uma jovem senhora que se decidira por um aborto voluntário na juventude e, em seu discurso, mantivera a clara ideia do acerto dessa atitude, fui surpreendida por um choro emocionado seguido por um intenso desabafo: quando via uma jovem com a idade que a criança teria, caso a gravidez não tivesse sido interrompida, perguntava-se como seria a sua ‘filhinha’; ela guardava dentro de si a certeza que a gestação fora de uma menina. Sua dor contrastava com as considerações sempre positivas sobre sua decisão. Em nenhum momento, no seu longo período de análise, ela havia lamentado nem manifestado incerteza ou arrependimento sobre aquele ato. Em seu discurso manifesto, não havia dúvidas sobre o quão era jovem quando engravidou, nem sobre o fato de que sua vida acadêmica mal havia começado e teria sido prejudicada; nem sobre a instabilidade

<sup>1</sup> Trabalho apresentado em reunião científica da SPR, em 18/06/2013.

<sup>2</sup> Psicanalista da SPRPE/IPA

<sup>3</sup> Sigmund Freud, O Mal Estar na Civilização (1930), v.21, ESB, 1974, p.85

econômica e imaturidade emocional do casal para constituir uma família. O aborto fora decidido e parecia permanecer harmonizado dentro dela. Contudo, o luto não elaborado mostrou-se evidente naquele dia. A maneira de suas lágrimas coincidiam com aquelas vertidas por um ente perdido, pela saudade de alguém com quem temos um vínculo profundo sem a esperança do reencontro, num acintoso contraste com a ideia até então racionalmente apresentada.

Caso 2: Uma jovem de vinte e três anos, em análise havia dois meses, com uma pausa na fala e emprestando gravidade à voz, relatou que no início do ano praticara um aborto e reagira muito mal a isso. Contou algo das circunstâncias da concepção, detendo-se especialmente nos sintomas físicos que, particulares e intensos, denunciaram para ela a concretização do aborto. “Não sou contra o aborto, explicou-me, mas, viver aquilo me fez muito mal; me senti agredindo a mim mesma. Gostaria de saber de tudo isso sem ter que passar por essa experiência.”

Para articular meu pensamento, uso duas premissas freudianas. A primeira, a indelével memória dos acontecimentos significativos, encontramos uma boa síntese em “O Mal Estar na Civilização”:

“Desde que superamos o erro de supor que o esquecimento com que nos achamos familiarizados significa a destruição do resíduo mnêmico – isto é, sua aniquilação – ficamos inclinados a assumir o ponto de vista oposto, ou seja, o que, na vida mental, nada do que uma vez se formou pode perecer – o de que tudo é, de alguma maneira, preservado e que, em circunstâncias apropriadas (quando, por exemplo, a regressão volta suficientemente atrás), pode ser trazido de novo à luz.”<sup>4</sup>

A segunda premissa que utilizo, a constituição do eu a partir das experiências vividas com o nosso corpo biológico, está presente desde os textos inaugurais de Freud até o fim de sua obra e vem sendo aprofundado pelos estudos atuais da psicossomática psicanalítica, pode ser encontrada numa passagem muito conhecida de “O Ego e o Id”<sup>5</sup>, texto de 1923:

“Também a dor parece desempenhar um papel no processo, e a maneira pela qual obtemos novo conhecimento de nossos órgãos durante as doenças dolorosas constitui talvez um modelo da maneira pela qual em geral chegamos à ideia do nosso corpo. O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície.”

A partir das construções freudianas supracitadas e do sofrimento tardio expresso por minhas pacientes nos fragmentos que apresentei, convido o leitor a centrar sua atenção num aspecto que antecede a ocorrência do aborto. Trata-se de um fato biológico com significativo impacto psicológico e pressuposto a toda decisão sobre o aborto, qual seja: houve uma concepção.

<sup>4</sup> Sigmund Freud, O Mal Estar na Civilização (1930), v.21, ESB, 1974, p.87.

<sup>5</sup> Idem, O Ego e o Id (1923), v.19, ESB, 1974, p.4

Toda gravidez provoca imediatas transformações no corpo feminino. Violentas alterações hormonais são acompanhadas de sutis alterações nos seios, lábios e nariz, na textura da pele, na circunferência da cintura, denunciando, para o bom observador, que algo de novo há. Também o olfato e o paladar, a sensibilidade de um modo geral, modificam-se, interferindo no humor e na fome – sinais externos de expressivas transformações corporais.

À essas modificações, não podia ser diferente, acompanham mudanças psicológicas não menos significativas. Estas podem variar conforme a preparação para a experiência ou o grau de maturidade. A notícia da gravidez, mesmo antes de se mostrar evidente, atualiza a história gestacional e de nascimento maternos evocando a memória consciente e inconsciente dessas experiências, memória esta construída a partir dos relatos transmitidos e dos fatos vividos. Um sem-número de afetos é despertado. Como evento de passagem, a notícia da gestação é demarcatória do lugar que se ocupa na linha da vida, na relação com a finitude e no sentido atribuído à existência. A concepção coloca, especialmente a mulher, noutra posição em relação a si mesma e à sua mãe. Num único passo, concretiza-se a espetacular mudança que é o afastamento da posição de filha - que pede, espera e é promessa de futuro - para o lugar de responsável por uma nova vida que se insurge. Fantasias e ansiedades em relação à sua capacidade de ser mãe e à capacidade da sua própria mãe de tê-la materno podem surgir. A expectativa da maternidade, que, antes da notícia biológica, pode parecer algo quase mítico, coloca também a mãe da gestante, outrora poderosa cuidadora e sabedora dos segredos da existência, na posição de vovó. Junto com a vida, nossa finitude se apresenta.

Essa realidade psicológica, existente em qualquer gravidez, ganha densidade nas situações de conflito. As mulheres que, por razões várias, desejam ou precisam abortar, correm o risco de carrear sua atenção para a decisão de ter ou não o filho, para a ameaça da ilegalidade, da culpa ou da condenação, para os riscos que sua vida poderá correr - sem a chance de reconhecimento desse rio de afetos próprio à toda gestação. Deixam, assim, uma parte de si à revelia do pensamento elaborativo, essencial para a assimilação das vivências significativas.

Se a mulher em questão, jovem em sua esmagadora maioria, não tem acolhida essa realidade psicológica, acatando a ideia inverídica de que o ato do aborto reverte a concepção, resta desamparada a sua experiência psicológica subjacente; subsiste a ilusão de que as dores e conflitos presentes na decisão sejam extirpados junto com o feto anulando aquela pequena incursão na maternidade.

No conto “A Carta Roubada”<sup>6</sup>, de Edgard Allan Poe, uma investigação se dá em torno do desaparecimento de uma carta cujas informações são potencialmente comprometedoras para um membro da realeza. Inúmeras buscas são realizadas na

<sup>6</sup> Edgar Allan Poe, (1809 à 1849). A Carta Roubada, in: Assassinos na Rua Morgue e outras Histórias, tradução Aldo Della Nina – São Paulo: Saraiva, 2009 – (Clássicos saraiva)

casa daquele que roubou a carta, mas somente o sagaz detetive Dupin consegue resolver a intrigante questão: a carta não estava escondida em frestas do assoalho ou gavetas falsas como se pensava, mas displicentemente depositada em cima da lareira, no local exato onde contas e correspondências sem importância eram regularmente guardadas. A obviedade do local escolhido tornara cega a percepção daqueles que a buscavam, aquilo que estava tão escancaradamente à mostra tornara-se, assim, invisível.

O fato que aqui ressalto é algo que, tal qual a carta roubada do conto de Poe, de tão óbvio, pode ser ofuscado pelos tantos elementos de conflito presentes na situação. Se desatentos, a realidade da gravidez, confirmada pelo atraso das regras ou por exames laboratoriais, pode parecer desvinculada do manancial afetivo atinente a uma gravidez indesejada como se tal realidade pudesse ser apagada ou sequer iniciada.

Os pressupostos freudianos sobre a inapagável memória dos acontecimentos significativos e sobre a constituição do ego a partir das experiências vividas, como vimos, somados à escuta clínica de pacientes que realizaram o aborto, sugerem que desconsiderar os aspectos afetivos presentes nas gestações interrompidas pode ser ponto de partida para a não elaboração de lutos, abrindo potencialmente espaço para o adoecimento.

Destaco a necessidade da elaboração psíquica de uma experiência de tal densidade, especialmente do luto, sempre presente; e também, os sérios riscos que a ausência dessa elaboração potencialmente traz para a saúde psicossomática da mulher.

Na sala de análise, dos lutos não elaborados resultantes dos abortos, o que se vê são pedaços dessas experiências gravitando entre tantos outros acontecimentos, como que à procura de um lugar para se encaixar e ganhar finalmente um sentido.

A representação corporal de uma mulher grávida inclui também o embrião, naquele instante indistinguível do corpo que o sustenta. Conjugação de eu e objeto, para a mulher que o carrega talvez possa ser pensado como o contraponto do que representa para o bebê o peito materno; naquele instante, o eu e o objeto são inseparáveis. A melancolia como resultado de uma identificação com o objeto perdido poderá estar no horizonte de uma experiência de aborto não elaborado.

A vida e a morte que ali se fundem, seja pelo ângulo do feto, no que ele anuncia o surgimento de uma nova vida ou a necessidade de sua interrupção; seja pelo ângulo do adulto, que nasce para a posição de mãe ou de pai, morrendo para alguns aspectos da de criança ou de adolescente - conferem ao evento um peso muito particular, exigindo, por conseguinte, a elaboração significativa que subjaz aos eventos de passagem.

Em contrapartida, o espaço para pensar os aspectos profundos da experiência,

quer para elaborar o aborto decidido, quer para assumir o acontecimento histórico da gravidez, propicia destinos com maior saúde.

Trabalhos de psicanálise têm abordado essa questão destacando aspectos variados da psicologia profunda subjacente à essa complexa experiência humana. Contudo, naqueles artigos veiculados pela mídia, endereçados a leigos, as questões psicológicas costumam ganhar um espaço pequeno e superficial.

As experiências corporais exercem profundas impressões em nossa psique, mesmo ou especialmente quando não nos damos conta delas. Tudo o que sofremos, uma virose, um acidente ou uma cirurgia, um concerto musical, um amor intenso ou um mergulho no mar, estará para sempre inscrito em nós, compondo o arsenal de metáforas que usamos para nos representar no mundo e para representá-lo em nossa mente. A impressão sensorial do leite que nos alimentou, do colo que nos embalou, dos nossos intestinos em movimento ou das fezes que eliminamos são modelos a partir dos quais incorporamos, assimilamos ou expulsamos mentalmente as experiências vividas.

Com a concepção e o aborto não é diferente. São situações dramaticamente intensas que não podem ser apagadas de nossa história e têm repercussões diretas em nosso corpo e em nossa vida mental. É possível interromper uma gravidez indesejada para proteger a vida da mãe ou para não permitir o nascimento de um filho gerado pela violência ou pela imaturidade; todavia, isso não apaga a realidade da concepção inscrita no corpo, na psique e na história gestacional da mulher. Reconhecer essa realidade abre espaço para a elaboração dos lutos necessária à saúde; negá-la é flanco aberto para a repetição e o adoecimento.

1) The Purloined letter: About a psychic reality present in abortion

### **Abstract**

This work intends to provide a contribution to the comprehension of psychological aspects that underlies abortion. It is guided in clinical fragments and in the psychoanalytical reflection of them. It will not be discussed the pertinence of the abortion legalization or its value to the women. The focus will be in a psychological aspect that is present in any abortion, spontaneous or induced, that seems to be systematically dismissed in the discussion of the theme.

### ***Dedicatória:***

Dedico este trabalho a Isaias Kirschbaum que, como um bom detetive, tem me ajudado a reencontrar pedaços valiosos de mim mesma.

### ***Agradecimento:***

Agradeço a Stela Loureiro pela atenta escuta e pelo incentivo.

***Referências Bibliográficas:***

FREUD, Sigmund. O ego e o id (1930), v.19, ESB,1974.

----- O mal estar na civilização (1930), v.21, ESB,1974.

POE, Edgar Alan, (1809 à 1894). A carta roubada, in: Assassinatos na Rua Morgue e outras Histórias, tradução Aldo Della Nina – São Paulo: Saraiva, 2009 – (Clássicos Saraiva)

*Sandra Trombetta*